



Dobermann



Grupo	Segundo
Altura ao garrote	Machos: 68 - 72cm Fêmeas: 63 - 68cm
Peso	Machos: 40 - 45kg Fêmeas: 30 - 35kg
Pelagem	Curta, lisa. Preto afogueado ou Castanho afogueado
Tempo médio de vida	10 a 12 anos
Carácter	Activo, decidido e enérgico
Relação com as Crianças	Muito Boa
Relação com outros cães	Dominante
Aptidões	Cão de companhia, trabalho e desporto
Necessidades de espaço	Deve ter pelo menos um grande jardim e fazer exercício com regularidade
Alimentação	De 500 a 650 g diárias de alimento seco completo
Grooming	Nenhum
Custo de manutenção	Bastante elevado

Origem e História

O *dobermann* é uma raça com um século de existência. Os primeiros exemplares apareceram por volta de 1885, ou seja, uma dezena de anos antes de outras duas raças célebres: o *pastor alemão* e o *boxer*. Entre uns e o outro existe, aliás, uma diferença importante: enquanto o *pastor alemão* e o *boxer*, se pode presumir que sejam a representação moderna de um tipo ancestral de pastor lupóide num caso e de molosso no outro, o *dobermann* é um tipo completamente novo (seria difícil encontrar um cão parecido com ele em escritos ou gravuras antigas).

O próprio nome da raça traduz a sua originalidade no mundo canino, já que leva o apelido do seu criador, Friedrich Ludwig Dobermann (1834-1894). Acerca deste homem, disse-se que era encarregado de um canil ou que era meirinho da cidade de Apolda, em Turinga. Na realidade, um empregado municipal com essas características acumulava funções múltiplas: controlava os matadores, ocupava-se do desmanche das reses e recolhia os cães vadios ao mesmo tempo que cobrava multas, alugueres e diversas rendas municipais. Em resumo, o Presidente da Câmara confiava-lhe todo o tipo de tarefas desagradáveis e de assunto difíceis.

Por tudo isto, é muito provável que este senhor não tivesse muitos amigos entre aqueles que não estavam em dia com os pagamentos de contribuições ou multas.

Para além disso, quando cavalgava só, pelos caminhos sinuosos do bosque de Turinga, por vezes transportando consigo quantias importantes, estava exposto a deparar com algum malfeitor.

Assim, é lógico que pensasse em viajar acompanhado de cães de caráter firme, capazes de o defender se fosse necessário.

Já devia ter visto cães assim entre os que tinha levado para o canil ou entre os que o recebiam pouco amigavelmente nalgumas casas.

A seleção que fez foi à partida rudimentar, mas foi eficaz...

E como, graças às suas funções, tinha acesso ao matadouro, a comida não constituía qualquer problema quando se tratava de alimentar uma matilha de cães grandes e com muito apetite.

Não se sabe exatamente que cães utilizou para criar a raça que tem o seu nome pois não deixou qualquer escrito sobre o seu trabalho de seleção. Para além disso, o mais provável é que, no início, não pretendesse “fabricar” exatamente uma raça, contentando-se em cruzar cães cujo caráter correspondesse ao que andava à procura. Mas a fama que os seus cães alcançaram na região mudou as coisas, pois muitos cinófilos começaram a interessar-se pelo tipo de cão que ele tinha obtido de uma forma tão empírica.

Dada a falta de documentação sobre as experiências de Friedrich Ludwig Dobermann, os especialistas não tiveram outra alternativa senão especular sobre as origens raciais do cão que hoje conhecemos, para tentar reconstituir todo o processo.

Assim, devido à sua característica pelagem preta afogueada, alguns cinófilos franceses pensaram no *beauceron* gaulês.



Friedrich Ludwig Dobermann



Apolda 1900

Pode argumentar-se que os tipos das duas raças são muito diferentes, mas não tinham os criadores franceses dos anos vinte selecionado um *bas-rouge* claramente “dobermanizado”, quer dizer, afinado e de pelo curto, quase raso? Para justificar a presença do cão francês em Turinga, chegou-se a dizer que os exércitos napoleónicos teriam ali deixado alguns exemplares durante as suas campanhas.



Beauceron

Deve reconhecer-se que esta hipótese, para além de responder a um certo patriotismo, é sobretudo uma manifestação da germanofobia de determinada época em que, para cúmulo do absurdo, se chegava ao ponto de, por exemplo, negar a ascendência alemã ao *pastor alemão*, classificando-o como “*alsaciano*”. Acrescentemos que a França não detinha o exclusivo dos antigos mastins de pelagem preta afogueada. Eles também existiam em terras germânicas e deram origem ao aparecimento do *rottweiler* e do *hováwart*.

Tinham sido igualmente os antepassados dos primeiros *pastores alemães*. É, portanto, razoável concluir que a eles se devam, em parte, a cor característica e o tamanho do *dobermann*.

Mas o *dobermann* também lembra um outro tipo canino: o *pinscher*. Este era, com efeito, um dos cães mais difundidos na Alemanha em meados do século XIX, pois na altura era prática geral o emprego do cavalo como montada ou animal de tiro e era indispensável possuir nos estábulos e nas quintas um animal que eliminasse os roedores indesejáveis. O *pinscher* (o seu nome deriva do inglês *to pinch*, apertar, beliscar) pode considerar-se como a versão alemã dos cães ratoneiros franceses e dos *terriers* (não dos *bassets*) que os ingleses possuíam. De origem muito antiga (o seu tipo morfológico pode relacionar-se com o do *Canis palustris* do neolítico, bem conhecido graças à arqueologia) podia ter o pelo curto ou emaranhado, de tom fulvo, preto ou lobeiro. O *schnauzer*, tornou-se depois famoso. Quanto ao *pinscher* de pelo raso, pouco faltou para que a sua sobrevivência se devesse exclusivamente ao *dobermann*. Efetivamente, este último, a quem inicialmente se acrescentara significativamente o nome de *pinscher*, apareceu antes do *pinscher médio*, o que justifica que se considerasse o *dobermann* como uma espécie de *pinscher gigante*, já que possui as qualidades de agressividade, vivacidade e até a maneira de morder do ratoneiro alemão com a vantagem do seu tamanho ser maior o que lhe permitia converter-se num cão de guarda e defesa.

Os documentos mais antigos, que mostram os primeiros *dobermanns* tendem a confirmar o lado de *pinscher* da sua ascendência, sendo provável que F. L. Dobermann tivesse encontrado nessa espécie canina a agressividade que procurava. Esta opinião é compartilhada pela revista alemã *Unsere Hunde* que, no seu número de dezembro de 1898 publicava o seguinte:

“Por volta de 1870, Dietsch, então proprietário de uns areais em Apolda, tinha uma cadela azul acinzentada, uma espécie de pinscher que fez cobrir com um cão de carneiro preto”.

Este reprodutor já possuía as marcas afogueadas características e procedia de um cruzamento entre um cão de pastor e um cão de carneiro.

O Sr. Dobermann, que infelizmente morreu muito cedo, cruzou descendentes desses cães, que se tinham tornado bons cães de guarda, com pinschers alemães.

Essa é a origem do dobermann atual. E já que se reconhece que esse homem foi o primeiro a selecionar estes cães, não vemos qualquer inconveniente em que eles tenham o seu nome”.

Uma vez reconhecida a ascendência *pinscher*, existem, no entanto, uma meia dúzia de outras raças que, segundo se crê, serviram (ou poderiam ter servido) para produzir esse híbrido que é o *dobermann*.

Assim, quando se vê um *dobermann* com as orelhas caídas (o seu porte natural quando não são cortadas), pode pensar-se num aporte de *bracos alemães* e até de *bracos de Weimar*, cuja função à partida não se limita a procurar a caça, mas compreende também a destruição de predadores e a guarda... Mas na medida em que se considera que este caráter agressivo



Pinscher

vem do *dobermann*, há que indagar qual deles levou a melhor em relação ao outro.



Weimaraner

Para explicar a elegância das linhas do *dobermann*, muitos pensaram no *galgo*. A este respeito cita-se frequentemente a utilização de uma fêmea *greyhound* (galgo inglês) de pelagem negra e temperamento muito agressivo.

O *mastim alemão* também aparece regularmente como provável ascendente devido ao seu tamanho e à tonalidade azul que teria transmitido. Tal filiação é admissível se se pensar que aquele cão não era tão grande nos finais do século XIX, em que o macho media entre 75 e 80 cm, como é agora.

Por último, nas veias do *dobermann* também correria sangue de *Manchester terrier black and tan* (preto afogueado) que teria afinado a morfologia e dado cores de fogo mais consistentes.



Manchester terrier

O que é certo é que o futuro da raça teria sido muito diferente se o Sr. Dobermann não tivesse tido amigos e seguidores que continuaram a sua obra. A intervenção especial de Otto Goller foi determinante para transformar o rude *dobermann* primitivo, compacto, de tamanho mais para o médio (entre 50 e 60 cm) e

de cabeça um pouco grossa e curta no esplêndido atleta atual, sem dúvida um dos tipos caninos mais bonitos e imponentes.

Outro pai fundador, Goswin Tischler, ocupou-se de zelar pelos *dobermanns* criando um canil famoso, chamado “von Groenland” escolhendo o nome de uma rua de Apolda.

Aos primeiros exemplares aceites por F. L. Dobermann, *Lux*, *Lanfdgraf*, *Rambo* e *Schnupp* (este último tinha o número 1 no livro de criação da raça), juntaram-se também os exemplares de Tischler: os seus cães *Bosco* e *Caesi*, por exemplo, produziram o primeiro campeão da raça, *Prinz Maltzi von Groenland*, nascido a 15 de agosto de 1895.

Otto Goller, que tinha o afixo “von Thuringen”, conseguiu exemplares a partir de 1901. Entre os reprodutores que produziu e que são considerados como patriarcas da raça, figura *Hellergraf von Thuringen*, nascido a 12 de junho de 1904.

Antes disso tinha comprado a Tischler um exemplar, *Graf Belling*, que, nas suas mãos, se converteu num reprodutor notável.

O período de elaboração da raça terminou em 1910 com o nascimento de outros dois grandes reprodutores, *Bodo* e *Bob von Egenfeld*, cujas cabeças tinham já quase o perfil e a elegância dos cães atuais.

Foi provavelmente depois daquele ano que se ensaiaram diversas introduções de outras raças, com resultados pouco convincentes; o *manchester-terrier*, por exemplo, pode trazer-lhe elegância e cores mais consistentes e regulares, mas à custa de uma menor envergadura.

Quanto ao *galgo inglês*, parece que deu tamanhos maiores embora simultaneamente uma caixa torácica plana e um corpo demasiado comprido.

Estes dois cruzamentos trouxeram a aparição de características indesejáveis que os criadores da época tentaram eliminar. Para isso tinham duas opções: manter as qualidades de tenacidade e coragem originais e já lendárias da raça ou fazer-lhe evoluir para um tipo de caráter mais flexível, dotado de uma morfologia mais fina. Em conjunto, a solução adotada foi a primeira.

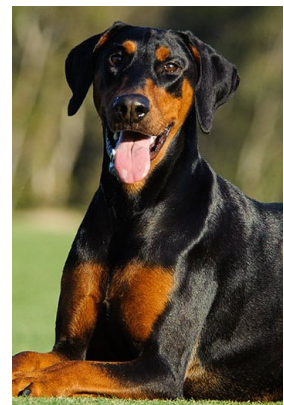
O *dobermann* teve rapidamente vários aficionados, que começaram por ser os alemães. Este fenómeno, que raramente se menciona, demonstra qual era o potencial de qualidades da raça no seu início. O primeiro clube foi fundado por Otto Goler em 1899, em Apolda. Rapidamente nasceram uma dezena de associações, principalmente no sul da Alemanha, que se federaram em 1912 num grande clube que cobria todo o país. Foi tão grande o interesse que o *dobermann* despertava que depressa concorria em exposições. Na de Colónia, em 1910, alcançou o número record de 105 exemplares.

Fora da Alemanha, foram os suíços os primeiros a decidir-se pelo *dobermann*. A prova de interesse que despertou este cão de nítida silhueta, de fácil manutenção e de caráter seguro é a fundação de um clube em Aarau, em 1902. Os holandeses adiantaram-se-lhes em 1909 e foram os primeiros a constatar a sua adaptação aos climas tropicais, levando-os para as suas longínquas colónias na Indonésia. Pela mesma altura, também os alsacianos o descobriram e forma-

ram um clube local em 1913.

Os norte americanos descobriram às suas custas as qualidades deste cão de guerra utilizado pelo exército alemão na Primeira Guerra mundial. Reagindo de forma bastante pragmática, não hesitaram, depois da guerra, em adquirir bons reprodutores para adaptar ao seu país um cão que já tinha demonstrado o quanto valia. Assim nasceu, em 1922, um clube norte americano.

Também a Áustria e a Itália adotaram o *dobermann*, seguidas de países de climas quentes, como o Uruguai e o Brasil, onde se tornou no cão de guarda favorito. Por último, a Grã-Bretanha que, incredivelmente, ficou para o fim. A raça não se implantou ali definitivamente senão em 1947, sem dúvida devido à quarentena de seis meses imposta naquele país e, sobretudo, da proibição de se cortarem as orelhas (o que modifica consideravelmente a silhueta do cão).



Orelhas cortadas e inteiras

Comportamento e Funcionalidade

Concebido para ser um cão de serviço, o *dobermann* esteve reduzido, durante o primeiro quarto do século passado, a essas funções, ao serviço de particulares ou de administrações. O fato de representar o “must” relativamente a coragem, tenacidade ou rapidez de intervenção explica que os seus tutores, a fim de exaltar as suas qualidades, tenderam a exagerá-las, juntando-lhes uma reputação de cão pouco cómodo, muito duro e difícil de controlar. Nos anos vinte, um conhecido criador suíço, Gottfried Liechti, expressava muito bem esta mentalidade: “*a verdade é que eram muito robustos e não temiam nada nem ninguém, nem sequer o diabo em pessoa; era preciso coragem para ter um*”.

A mesma opinião expressava Philipp Gruenig, historiador da raça, a propósito de *Alarich von Thuringen*, nascido em 1897, de quem dizia que “*era famoso pela sua incrível inteligência que o tornava ainda mais temível*”. É verdade que estes cães se caracterizam pela sua inteligência, aliada a uma certa rudeza, mas não há razões para chegar ao ponto de qualificar a sua audácia como “absoluta”, nem a sua inteligência como “incrível” como se, se quisesse meter medo através da descrição de um animal quase diabólico (apesar da cor da sua pelagem). Essas opiniões um tanto excessivas devem, para além disso, ser situadas no seu contexto, já que naquela época havia uma grande competição entre várias raças germânicas,

selecionadas quase na mesma altura, mas provenientes de famílias caninas radicalmente diferentes; *pastor alemão*, *boxer*, *rottweiler* e *dobermann* aspiravam ao título de melhor cão de guarda e defesa.

FEROZ, UM CÃO QUE TOMA CONTA DE CRIANÇAS?

Uma jovem mãe compartilhou uma experiência maravilhosa que teve com a sua filha de um ano. Ela levou a criança para passar alguns dias na casa dos sogros, que possuíam um *dobermann* macho. A mãe ficou encantada ao testemunhar o carinho e a atenção que o cão demonstrou pela sua filha. Ele recebeu-a com entusiasmo e, rapidamente, estabeleceu uma conexão especial com a menina. Quando chegou a hora de partir, o *dobermann* relutava em deixar a criança e, inclusive, recusava-se em deixar que a mãe se aproximasse dela. Durante a sua estadia, a menina, que não tinha medo algum de animais, adorava apoiar-se no *dobermann* para andar e, surpreendentemente, o cão acertava o passo pelo dela. A jovem mãe ficou impressionada com a gentileza e a inteligência do animal e agradeceu aos sogros pelo acolhimento amoroso que proporcionaram à sua filha e pelo exemplo de como esta raça, em particular, podia ser tão amiga, leal e protetora.

Esta imagem corresponde apenas em parte à realidade pois, apesar de o *dobermann*, cão de ronda e de intervenção, continuar a ser um excelente animal de trabalho, apto para os concursos de cães de defesa, atualmente esses cães utilitários apenas constituem uma pequena parte da população de *dobermanns*, a maior parte dos quais se dedica a passar o tempo instalada num cadeirão ou numa almofada e, um ou outro, a passear de carro, a apanhar ar fresco no jardim ou a ajudar o benjamim da família a dar os primeiros passos.

É claro que, daqui se deduz que o *dobermann* é um cão que não se adapta a todos os tutores e situações. Este cão, não é exageradamente nervoso, nunca é mau ou mesmo agressivo sem motivo. É um animal equilibrado, embora com personalidade. O tutor de um *dobermann* não é, não pode nem deve ser, igual ao de um caniche. Para exibir o máximo das suas múltiplas qualidades, este cão exige, em contrapartida, que o seu tutor também tenha algumas. Assim, para quem não esteja familiarizado com esta raça ou que nunca tenha lidado com cães de personalidade forte, o mais prudente será escolher uma fêmea, caso realmente queira entrar na "dobermania". De temperamento mais flexível, mais expressiva nas suas manifestações de afeto e mais carinhosa, não é menos vigilante do que o macho. Em contrapartida, para aqueles que tenham pulso forte (sem ser brutal) e "feeling" para os cães, a falta de experiência em matéria de adestramento não será impeditiva para que o caráter forte do *dobermann* macho se torne para eles uma fonte de alegria e de orgulho. Tudo isto, no entanto, com uma condição: que juntamente com uma grande firmeza, o tutor do *dobermann* tenha igualmente calma e paciência. Por tudo isto, não aconselhamos de todo, que pessoas indecisas, de pouca vontade ou sem sentido de autoridade tenham um destes cães.

Um bom tutor tem de estar bem informado acerca da natureza íntima do *dobermann*. Em primeiro lugar, trata-se de um cão dominante; o neófito que não descubra esta característica no seu cachorro de três meses arrisca-se a que este, quando se converter num

adolescente descarado, se vire contra ele. Efetivamente, o cão só faz tentativas para ver se "passa" e se consegue converter-se no chefe da matilha. E por vezes consegue, apenas precisa de rosar e mostrar os dentes para impor a sua vontade. Quando isso acontece, é absolutamente necessário não se deixar impressionar por tais manobras de intimidação, o tutor tem de se comportar com mão justa, mas firme.

Essa mistura de justiça e autoridade é ainda mais necessária devido ao fato de a altivez e a independência, serem duas componentes essenciais do comportamento do *dobermann*.

Trata-se de um cão que, apesar de ter um grande apego aos seus tutores, pode tornar-se desobediente quando a pressão educativa do tutor se relaxa em demasia.

Assim, há que pôr em prática uma aprendizagem rigorosa de andar ao lado, primeiro com e depois sem trela, e de resposta à chamada. Há muitos tutores de *dobermanns* que em vez de levarem os seus cães a passear, são passeados por eles.

No que diz respeito à altivez do *dobermann*, um dos seus traços mais fascinantes, ela exprime-se por intermédio da estética, o porte majestoso da sua cabeça, o seu passo confiante, não são apenas pura aparência, traduzindo perfeitamente o seu tipo de personalidade, digamos, reservada. Com efeito este cão, que não é dos que fazem "sala" com os desconhecidos, é insensível às demonstrações de cordialidade, por vezes um pouco forçadas, por parte dos convidados.

É claro que essa atitude distante pressupõe a presença do tutor. De contrário, irá mostrar-se muito mais ativo, intratável e até feroz, na vigilância da casa ou do carro. O seu instinto inato de proteção do território está tão desenvolvido que a sua vigilância não terá a mínima falha.

Neste aspeto não necessita de qualquer treino especial, o cão reage espontaneamente. Estende igualmente a sua proteção a todos quantos vivam no território familiar, especialmente às crianças que, por sua vez, deverão aprender a respeitar o animal. À semelhança de outros cães, o *dobermann* não entra em brigas sem motivo, mas nunca se deixará dominar, de forma que o mais prudente será evitar as situações de confronto.



Nascido e selecionado exclusivamente para a proteção de pessoas e bens, o *dobermann* é um animal muito observador, dotado de uma grande memória e muito adaptável, compreende tudo rapidamente e

presente, quando não adivinha, o que o seu tutor não precisa de lhe dizer.

Possui, grandes aptidões para o treino, embora a sua psicologia seja totalmente diferente da dos cães de pastoreio, os utilizados como referência pelos criadores. É muito mais difícil de hierarquizar do que um pastor e conserva sempre um fundo dominante, bem como uma certa tendência para ser independente, o que há que tentar controlar.

A fim de canalizar eficazmente a sua energia, o treinador deverá tentar não ferir a sua suscetibilidade, ter em conta o seu instinto protector e, sobretudo, motivá-lo, pois o *dobermann* é um sentimental que só trabalha convenientemente por amor ao seu tutor. O seu apego a este, é muito profundo, quase exclusivo, por vezes raiando o ciúme, e ainda a par com a sua profunda desconfiança relativamente aos desconhecidos.



Ao contrário do que muitas vezes se disse do *dobermann*, não se trata de um cão difícil, mas sim de um cão exigente, do qual é preciso ocupar-se verdadeiramente.

Neste sentido, é de lamentar que ele não seja utilizado com maior frequência nos desportos de trabalho (de fato à poucos criadores que se dediquem a fazê-lo). No seu país de origem, bem como nos Estados Unidos e em muitos outros países, a disciplina favorita para o *dobermann* é a de "schutzhund" (obrigatória na Alemanha para obter a classificação de reprodutor). Os alemães, que souberam exportar os seus cães de defesa, também conseguiram impor, quase na totalidade o seu programa de trabalho. Este compõe-se de provas de obediência, flexibilização, mordedura e defesa do tutor, baseando-se menos nos resultados atléticos ou na mestria do treino do que na execução perfeita.



O rastreio é outro desporto em que o *dobermann* pode sobressair, e alguns exemplares conseguiram alcançar os níveis mais elevados nos últimos anos. Neste, tem oportunidade de mostrar o seu sentido de iniciativa e de tirar o melhor partido possível da sua fogosidade natural e do seu olfato, o treino desta dis-

ciplina, que é acessível ao neófito, é de grande interesse psicológico, pois reforça a convivência com o tutor.

Para manter o seu equilíbrio, o *dobermann* exige imperiosamente uma intensa atividade física, de forma que há que lhe proporcionar longos passeios e exercícios frequentes (mas curtos). Seria francamente aberrante deixar cães destes (ou quaisquer outros) acorrentados num canil, ou transformá-los em guardas de armazém. O *dobermann* necessita de contactos humanos, e esses contactos, convém que sejam variados e precoces na medida do possível. São também essenciais para civilizar o cão jovem, no entanto, não afetarão o seu sentido de vigilância. Em contrapartida, se se condena ao isolamento, corre-se o risco de que o animal se torne dificilmente controlável.

No plano da saúde, o *dobermann* é um cão robusto, elegante e cheio de substância. Não apresenta nenhum ponto débil em particular, quando muito pode apontar-se em alguns exemplares uma certa predisposição para as doenças de pele e para os parasitas externos. Em todo o caso, convém notar a relativa frequência de acidentes cardíacos, problema comum de muitas raças desportivas, cheias de fogosidade e potência. Se se contarem os cães vítimas de crises cardíacas, a longevidade média do *dobermann*, é de uns doze anos (são escassos os exemplares que vivem catorze anos), mas pode, nalguns casos descer para dez.

O mais indicado é dar-lhes uma vida higiénica e rigorosa e também, a partir dos seis ou sete anos, devemos prestar mais atenção e vigilância à sua saúde.

Na atualidade, o *dobermann* nasce e vive sob o signo da paixão. O seu temperamento não admite compromissos nem meias-tintas, e entre os humanos provoca reações extremas, umas fundadas em preconceitos, outras em carinho. Quem for tão exigente com o cão como consigo mesmo figurará entre os segundos.

CHEIO DE "SUBSTÂNCIA"

O *dobermann* é um cão que, apesar da sua aparência fina e elegante, possui uma musculatura seca e poderosa que lhe confere uma força e resistência impressionantes. O seu esqueleto, embora não aparente peso, é forte e sólido, e o corpo curto destaca um peito bem desenvolvido e um pescoço longo e ativo, onde assenta uma cabeça perfilada e imponente.

Para manter a sua saúde e vitalidade, é essencial que o *dobermann* receba uma alimentação equilibrada e abundante desde cedo. Isso permitirá que ele alcance a sua altura máxima de 70cm e peso de 40kg, quando atingir a idade adulta, geralmente entre 18 meses e 2 anos.

Um *dobermann* de qualidade é aquele em que a combinação perfeita entre a compacidade, força e elegância pode ser claramente observada nas suas linhas. É importante salientar que um cão bem alimentado, com exercícios físicos e cuidados adequados, pode ter uma vida longa e saudável.



ESTALÃO

Aspecto Geral

O dobermann é um cão de tamanho médio, todo ele força e músculos. Corresponde à figura de um cão de anatomia normal pelas suas linhas elegantes, porte altivo e alerta e expressão decidida. Inscreve-se praticamente num quadrado (sobretudo o macho).

Cabeça

A cabeça deve destacar-se claramente do pescoço. Vista de perfil e de cima, a cabeça do dobermann parece um cone truncado alongado. É de linhas finas pois a pele está estreitamente aderente aos ossos e aos músculos planos (cabeça seca).

Crânio: aplanado, tanto de frente como de lado. A linha superior do contorno do perfil da cabeça é constituída pela sucessão das linhas dos ossos nasais e do frontal, linhas paralelas ligeiramente afastadas à altura dos olhos pelas arcadas supraciliares. Esta linha vai, assim, desde o nariz até à parte superior do crânio. Depois, a linha do frontal curva-se ligeiramente para descer até à nuca.

Focinho: largo e profundo, com lábios bem unidos.

Dentição: completa (42 dentes), dentes brancos, encaixe em tesoura. Vista de frente, a abóboda craniana é achatada, horizontal, sem que desça, portanto, lateralmente até às orelhas.

Olhos: de tamanho médio, ovais, o mais escuros possível.

Nariz: preto. Permitem-se, por seu lado, narizes mais claros nos exemplares castanhos e azuis. Seja como for, o nariz e os olhos devem ter o tom escuro da pelagem.

Orelhas: implantadas altas, são geralmente cortadas num comprimento proporcional relativamente à cabeça, estando nesse caso eretas. Nos países em que o corte de orelhas é proibido, a orelha inteira tem o mesmo valor que a orelha cortada.

PESCOÇO

É bastante comprido, bem proporcionado relativamente ao corpo e à cabeça. É seco e musculado, erguendo-se desde o peito e dos ombros numa curva elegante. É altivo e revela muita classe.

QUARTOS DIANTEIROS

Vistas de todos os ângulos, as patas anteriores são retas, ou seja, verticais, e de constituição forte. O úmero forma um ângulo quase reto com a omoplata, longa e oblíqua.

A omoplata está firmemente encostada ao tórax, é muito musculada e ultrapassa as

apófises espinhosas das vertebra dorsais. A articulação do cotovelo, formada pelo braço e pelo antebraço está solidamente encostada ao corpo.

O metacarpo não tem qualquer rotação nem interior nem exterior.

As mãos são curtas, com dedos unidos e arqueados (mãos de gato).

TRONCO

O dorso é curto e firme.

GARROTE

Deve notar-se claramente, sobretudo nos machos; a sua altura e comprimento determinam o traçado da linha descendente desde o dorso até à garupa.

LOMBO

Muito musculoso. O dorso tem a mesma largura em todo o seu comprimento. A garupa, apoiada no sacro, é arredondada e não descaída.

COSTELAS

Ligeiramente arqueadas, chegam mesmo a ultrapassar os codilhos para baixo, mas deve ter-se sempre em consideração a posição do braço e do antebraço. A profundidade do peito deve ser proporcional ao comprimento do tronco e não deve ser inferior a metade da altura medida ao garrote. O peito tem uma grande largura e está particularmente desenvolvido anteriormente. Esse peito, como se denomina, é delimitado pela porção anterior do esterno (apêndice xifóide cartilágneo da primeira estérnebra) que ultrapassa anteriormente a articulação do ombro. Desde a extremidade posterior do esterno até à pélvis, o ventre é claramente arregaçado e, de maneira que a linha inferior ascende ligeiramente.

A altura (desde o chão até ao garrote) atinge os 68 a 72 cm nos machos e nas fêmeas entre os 63 e 68 cm.

O tronco da cadela pode ser um pouco mais comprido que o do macho, dispondo assim de lugar para as mamas.

QUARTOS TRASEIROS

As coxas têm uma boa largura, são muito musculadas e, com a perna e a rótula, formam a robusta articulação do joelho, cujo ângulo é de cerca de 130°.

Os curvilhões são muito desenvolvidos e paralelos entre si. Formam um ângulo obtuso com os metacarpos verticais.

Como acontece com as patas anteriores, os pés são curtos, com dedos arqueados e unidos. Não se admitem presunhos.

ANDAMENTO

A progressão é elástica, elegante, flexível, solta e cobre muito terreno. As patas

anteriores projetam-se muito para a frente.

O impulso de propulsão necessário resulta da amplitude e da força dos movimentos dos quartos traseiros. O cão estende simultaneamente o membro anterior de um lado e o posterior do outro.

PELAGEM

O pêlo é curto, áspero e denso, é liso e acamado contra a pele. As cores são o preto, castanho com as marcas cor de fogo claramente delimitadas, de tom avermelhado apagado, puro. Esta cor de fogo também se encontra no focinho e nos lábios, bem como nas faces, sobre as pálpebras na garganta e no peito (duas manchas). Os metacarpos, metatarsos e pés são também cor de fogo, bem como a face interna das coxas, o contorno do ânus e a ponta das nádegas.

CARÁTER

O dobermann é fiel, vigilante, valente e com nervos sólidos. A sua inteligência, a agressividade natural, a sua dedicação ao trabalho e a sua obediência tornam-no fácil de treinar. Está indicado como um excelente cão de casa, de companhia, de defesa e de trabalho.

DEFEITOS

Convexidade do nariz, do frontal e do crânio; stop demasiado ou insuficientemente marcado; cabeça curta, grossa (faces em relevo), focinho pontiagudo, lábios demasiado generosos ao ponto de penderem; orelhas implantadas demasiado alto ou demasiado baixo; ausência de dentes (menos de 42); prognatismo inferior ou superior; fenda palpebral estreita; olhos salientes, afundados ou claros; pescoço curto, grosso, com a pele muito solta ou com barbela; ossatura ligeira, ombros curtos, flutuantes ou retos; codilhos virados para fora; dedos demasiado juntos ou afastados (à francesa); pés compridos com dedos afastados ou achatados; dorso demasiado comprido, achatado ou arqueado; garupa descaída; peito em tonel, costelas planas; insuficiente profundidade do peito; tórax não suficientemente avançado; peito demasiado estreito.

Angulação defeituosa dos quartos traseiros; curvilhão virado para fora (patas em tonel), para dentro (curvilhões de boi); monorquidismo, criptorquidismo; passo inseguro, sem elegância ou marcha em passos curtos, hesitante; pêlo comprido, macio ou ondulado; marcas e manchas cor de fogo demasiado claras, não bem delimitadas ou sujas, marcas brancas; sub-pêlo visível.

Exemplar sem franqueza, neurasténico ou medroso.

RAÇAS APARENTADAS

Confunde-se frequentemente o dobermann com o “beauceron”, devido à silhueta que têm; o segundo que é um cão de pastor, tem, no entanto, um aspeto mais rústico e esguio, que é o que o torna atraente; o pêlo é rebelde, ou seja, nem curto nem comprido, mas fofo e grosso e com comprimento suficiente para formar pequenas franjas atrás das coxas; o seu formato é retangular; tem duplos presunhos (muito franceses) nas patas traseiras. Ou seja, não tem um aspeto de (puro sangue), é um animal rústico de quinta e de trabalho (o que não impede que se selecione com rigor).

O neófito também se arrisca a confundir o “dogue alemão” com o dobermann, embora este meça menos 20cm ao garrote e possa pesar quase metade daquele. A nomenclatura das raças caninas elaborada por R. Triquet e aprovada pela FCI a 23 e 24 de junho de 1987, clarificou as coisas no segundo grupo, que se tornara uma verdadeira caixa de surpresas, com a criação de uma secção “Pinscher-Schnauzer”, onde o dobermann encontra os seus parentes. Estes, como o próprio dobermann, derivam do “Pinscher médio”. Os cinólogos dedicaram-se precisamente a catalogar os diferentes membros da antiga família “pinscher” a partir desse patriarca comum, no tempo em que o dobermann-pinscher (denominação de origem do dobermann) ganhava partidários.

Assim, em 1895 distinguia-se o “Glatthaar-Pinscher” (de pêlo curto) do “Rauhaariger-Pinscher” (de pêlo cerdoso). Este último concentrou as atenções e passou a chamar-se “Schnauzer-Pinscher” (schnauz, significa focinho).

Em 1907, os seus aficionados fundaram o “Bavarian Schnauzer Klub” (que mais tarde se tornaria o Pinscher Klub).

O “Pinscher médio” foi muito afetado pelo êxito dessas duas novidades, que eram o “Glatthaar” e o “Schnauzer”. Neste ponto, os criadores selecionaram outra nova variedade, de tamanho mais pequeno, destinada a cão de interior. Esta concorrência esteve quase a provocar o desaparecimento do “Pinscher médio”. E como os seus últimos efetivos tinham sido dizimados durante a Segunda Guerra Mundial, foi necessária a intervenção pessoal do presidente do “Pinscher Klub”, Werner Jung, para o salvar da extinção: Jung dedicou-se à criação da raça a partir de 1959.

O “Pinscher médio” pode parecer hoje um mini dobermann, sobretudo se for negro e fogo (também pode ter uma pelagem leonada-fulva). Com os seus 48cm ao garrote e os seus 16kg de peso médio, está perfeitamente adaptado à vida moderna: é, além do mais, um bom guardião, muito valente e dotado de valor e tenacidade.

Quem não dispuser de um espaço adequado para ter um dobermann ou não tiver a firmeza necessária para o manejar, pode escolher um “Pinscher médio”: tem garra, caráter e é mais fácil de lidar do que o seu primo gigante.

O Schnauzer médio também existe em versão gigante, o “Riesenschnauzer” cujas origens não estão muito mais claras do que as do dobermann. Provavelmente descende de um cão grande de pêlo hirsuto usado pelos açougueiros de Munique, como era descrito por Fitzinger em 1876 na sua obra “Das Hund und sein Rassen” com o nome de “Bayerischer Wolfshund”. No entanto, a maioria dos autores acreditam no aporte decisivo do mastim alemão na criação da raça. De destacar também, que foi Johan Gallan quem evidenciou a assombrosa semelhança (tão assombrosa que dificilmente pode passar por mera coincidência) entre o “Riesenschnauzer” e o “Bouvier da Flandres”, de morfologia mais recolhida do que este, mas tão grande quanto ele e de pêlo igualmente negro.

De qualquer forma, este cão, mede até 70cm e pode chegar aos 45kg. Tem um caráter inteiro, dominante, independente e uma segurança que o fez ganhar a cada dia, mais admiradores.

É uma pena que os “Pinschers” e os “Schnauzes”, como os “Dobermanns”, não vão com mais frequência aos campos de treino. Tanto a sua história como a sua energia e dinamismo, indicam que foram criados para trabalhar.

